

Jean-Jacques Rousseau

A origem da desigualdade
entre os homens

Tradução de
EDUARDO BRANDÃO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Penguin — Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité
parmi les hommes

PREPARAÇÃO

Joaquim Toledo Jr.

REVISÃO

Jane Pessoa

Dan Duplat

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rousseau, Jean-Jacques, 1712-1778

A origem da desigualdade entre os homens / Jean-Jacques Rousseau; tradução de Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

Título original: Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes.

ISBN 978-85-8285-062-6

1. Desigualdade social 2. Filosofia francesa I. Título.

17-07577

CDD-194

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia francesa 194

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

À república de Genebra	9
Prefácio	21
Advertência sobre as notas	29
DISCURSO SOBRE A ORIGEM E OS FUNDAMENTOS DA DESIGUALDADE ENTRE OS HOMENS	33
PRIMEIRA PARTE	37
SEGUNDA PARTE	71
<i>Notas</i>	107

*Non in depravatis sed in his quae bene secundum naturam
se habent considerandum est quid sit naturale*

[Não é nos seres depravados, mas nos que se comportam
de acordo com a natureza, que devemos considerar
o que é natural.]

ARISTÓTELES, *Política*, Livro I

Advertência sobre as notas

Acrescentei algumas notas a esta obra, conforme meu costume preguiçoso de trabalhar pulando de um assunto a outro. Essas notas às vezes se afastam tanto do tema que não são boas para serem lidas com o texto. Eu as deixei, portanto, para o fim do *Discurso*, no qual procurei seguir o caminho reto o melhor que pude. Os que tiverem a coragem de recomeçar, poderão se distrair da segunda vez procurando e tentando percorrer as notas; não haverá nenhum mal se os outros não as lerem.

Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens

É do homem que tenho a falar, e a questão que examino me faz saber que vou falar a homens, porque não se propõem questões quando se teme honrar a verdade. Defenderei, portanto, com confiança a causa da humanidade diante dos sábios que me convidam a fazê-lo e não ficarei insatisfeito comigo mesmo se me tornar digno do meu tema e dos meus juízes.

Concebo na espécie humana dois tipos de desigualdade: uma eu chamo de natural ou física, por ser estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito ou da alma; a outra, que podemos chamar de desigualdade moral ou política, por depender de uma espécie de convenção e por ser estabelecida, ou pelo menos autorizada, pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos diferentes privilégios de que alguns desfrutam em prejuízo de outros, como o de ser mais ricos, mais honrados, mais poderosos do que estes, ou mesmo o de se fazer obedecer por eles.

Não se pode perguntar qual é a fonte da desigualdade natural, porque a resposta se encontraria enunciada na simples definição da palavra. Pode-se ainda menos procurar se não haveria alguma ligação essencial entre as duas desigualdades, porque seria perguntar, em outros termos, se os que comandam valem necessariamente

mais do que os que obedecem e se a força do corpo ou do espírito, a sabedoria ou a virtude se encontram sempre nos mesmos indivíduos, proporcionalmente ao poder ou à riqueza. Uma boa questão, talvez, para agitar entre escravos ouvidos por seus amos, mas que não convém a homens racionais e livres, que buscam a verdade.

De que se trata então, precisamente, neste discurso? De assinalar no progresso das coisas o momento em que, sucedendo o direito à violência, a natureza foi submetida à lei; de explicar por que encadeamento de prodígios o forte pôde se decidir a servir ao fraco e o povo a comprar um repouso ideal, à custa de uma felicidade real.

Os filósofos que examinaram os fundamentos da sociedade sentiram todos a necessidade de remontar até o estado de natureza, mas nenhum deles conseguiu. Uns não hesitaram em atribuir ao homem nesse estado a noção de justo e de injusto, sem se preocupar em mostrar que ele devia ter essa noção, nem mesmo que ela lhe era útil; outros falaram do direito natural que cada um tem de conservar o que lhe pertence, sem explicar o que eles entendiam por pertencer; outros, começando por dar ao mais forte autoridade sobre o mais fraco, logo fizeram nascer o governo, sem pensar no tempo que deve ter transcorrido antes que o sentido das palavras “autoridade” e “governo” pudesse existir entre os homens; enfim, todos, falando sem cessar de necessidade, de avidez, de opressão, de desejos e de orgulho, transportaram ao estado de natureza ideias que haviam adquirido na sociedade — eles falavam do homem selvagem e pintavam o homem civil. Nem sequer veio à mente da maioria dos nossos duvidar que o estado de natureza tenha existido, quando é evidente, pela leitura dos livros sagrados, que o primeiro homem, tendo imediatamente recebido de Deus luzes e preceitos, não se encontrava nesse estado e que, somando aos escritos de Moisés a fé que lhes deve todo filósofo cristão, deve-se negar que mesmo antes do dilúvio os ho-

mens tenham se encontrado um dia no puro estado de natureza, a não ser que nele tenham recaído por algum acontecimento extraordinário: paradoxo embaraçosíssimo de defender e totalmente impossível de provar.

Comecemos, pois, por descartar todos os fatos, pois eles não tocam a questão. Não se deve considerar as pesquisas sobre esse tema a que podemos aderir como verdades históricas, mas sim como raciocínios hipotéticos e condicionais, mais adequados a esclarecer a natureza das coisas do que a mostrar sua verdadeira origem, tal como fazem todos os dias nossos físicos sobre a formação do mundo. A religião nos manda crer que, tendo o próprio Deus tirado os homens do estado de natureza imediatamente após a criação, eles são desiguais porque Ele quis que fossem; mas ela não nos proíbe de formar conjecturas tiradas somente da natureza do homem e dos seres que o cercam, sobre o que poderia ter se tornado o gênero humano se tivesse sido entregue a si mesmo. É isso que me perguntam e que proponho examinar neste discurso. Como meu tema interessa ao homem em geral, tratarei de adotar uma linguagem que convenha a todas as nações, ou antes, esquecendo os tempos e lugares, para pensar apenas nos homens a quem falo, eu me suporei no Liceu de Atenas, repetindo as lições dos meus mestres, tendo os Platões e os Xenócrates como juizes, e o gênero humano como ouvinte.

Ó homem, qualquer que seja o lugar de onde você é, quaisquer que sejam as suas opiniões, escute: esta é a sua história, tal como eu acreditei ler, não nos livros dos seus semelhantes, que são mentirosos, mas na natureza que nunca mente. Tudo que da natureza for será verdadeiro; só haverá falsidade se eu misturar sem querer coisa minha. Os tempos de que vou falar estão bem distantes: como você mudou em comparação com o que você era! É por assim dizer a vida da sua espécie que eu vou descrever de acordo com as qualidades que você recebeu,

que sua educação e seus costumes podem ter depravado mas não puderam destruir. Há, eu sinto isso, uma era na qual o homem individual gostaria de se deter; você buscará uma era na qual desejaria que sua espécie tivesse se detido. Descontente com seu estado presente por razões que anunciam à sua posteridade infeliz descontentamentos ainda maiores, você talvez pudesse retroceder. E esse sentimento deve fazer o elogio dos seus primeiros ancestrais, a crítica dos seus contemporâneos e o pavor dos que terão o infortúnio de viver depois de você.

PRIMEIRA PARTE

Por mais importante que seja, para bem julgar o estado natural do homem, considerá-lo desde a origem e examiná-lo, por assim dizer, no primeiro embrião da espécie, não acompanharei sua organização ao longo de seus desenvolvimentos sucessivos; não me deterei procurando no sistema animal o que ele pode ter sido no início para se tornar enfim o que é; não examinarei se, como pensa Aristóteles, suas unhas alongadas não foram antes garras curvas; se não era peludo como um urso e se, andando em quatro patas,¹ seu olhar dirigido para o chão e limitado a um horizonte de alguns passos não marcava ao mesmo tempo o caráter e os limites das suas ideias. Eu só poderia formar sobre esse tema conjecturas vagas e quase imaginárias: a anatomia comparada ainda teve pouco progresso, as observações dos naturalistas ainda são demasiado incertas para que se possa estabelecer sobre tais fundamentos a base de um raciocínio sólido. Assim, sem recorrer aos conhecimentos sobrenaturais que temos sobre esse ponto, e sem levar em conta as mudanças que devem ter sobrevivido na conformação tanto interna como externa do homem, à medida que ele dava novos usos a seus membros e que se nutria de novos alimentos, eu o suporei feito desde sempre como o vejo hoje, andando sobre dois pés, servindo-se das mãos como fazemos com as nossas, lançando seu

olhar a toda a natureza e medindo com os olhos a vasta extensão do céu.

Despojando esse ser, assim constituído, de todos os dons sobrenaturais que pode ter recebido e de todas as faculdades artificiais que só pode ter adquirido por longos progressos; numa palavra, considerando-o tal como deve ter saído das mãos da natureza, vejo um animal menos forte que uns, menos ágil que outros, porém, tudo bem pesado, organizado de forma mais vantajosa do que todos. Eu o vejo matando a fome à sombra de um carvalho, saciando a sede no primeiro riacho, encontrando sua cama ao pé da mesma árvore que lhe forneceu sua refeição, e eis suas necessidades satisfeitas.

A Terra, abandonada à sua fertilidade natural² e coberta de florestas imensas que o machado jamais mutilou, oferece a cada passo armazéns e abrigos para os bichos de toda espécie. Os homens, dispersos entre si, observam, imitam a atividade destes e se elevam assim até o instinto dos animais selvagens, com a vantagem de que cada espécie só tem o instinto dela própria e que o homem, não tendo talvez nenhum que lhe pertença, se apropria de todos, se alimenta igualmente da maioria dos alimentos diversos³ que os outros animais compartilham e encontra por conseguinte sua subsistência mais facilmente que qualquer um deles.

Acostumados desde a infância às intempéries do ar e ao rigor das estações, exercitados à fadiga e forçados a defender nus e sem armas sua vida e sua presa contra os outros animais ferozes, ou a escapar destes na corrida, os homens desenvolvem um físico robusto e quase inalterável. Os filhos, trazendo ao mundo a excelente constituição de seus pais e fortalecendo-a por meio dos mesmos exercícios que a produziram, adquirem assim todo o vigor de que a espécie humana é capaz. A natureza faz com eles precisamente o que faz a lei de Esparta com os filhos dos cidadãos: ela torna fortes e robustos os

que são bem constituídos e faz perecer todos os outros, diferente nisso de nossas sociedades, em que o Estado, tornando os filhos onerosos aos pais, os mata indistintamente antes do seu nascimento.

Sendo o corpo do homem o único instrumento que ele conhece, ele o emprega para diversos usos, de que, pela falta de exercício, o nosso é incapaz, e é nosso trabalho que nos tira a força e a agilidade que a necessidade o obriga a adquirir. Se ele tivesse um machado, seu punho quebraria galhos tão fortes? Se tivesse uma funda, atiraria com a mão uma pedra com tanta rigidez? Se tivesse uma escada, grimparia tão lepidamente numa árvore? Se tivesse um cavalo, seria tão rápido na corrida? Deem ao homem civilizado o tempo de reunir todas as suas máquinas ao seu redor, e não duvidem que ele superará facilmente o homem selvagem; mas se quiserem ver um combate mais desigual ainda, coloquem os dois nus e desarmados um em frente ao outro, e logo reconhecerão qual é a vantagem de ter sem cessar todas as suas forças à sua disposição, de estar sempre pronto para todo acontecimento, e de se comportar, por assim dizer, sempre formando um todo consigo mesmo.⁴

Hobbes supõe que o homem seja naturalmente intrépido e só procura atacar e combater. Um filósofo ilustre pensa o contrário, e Cumberland e Pufendorf também asseguram que nada é tão tímido quanto o homem no estado de natureza, e que ele está sempre trêmulo e disposto a fugir ao menor ruído que ouça, ao menor movimento que perceba. Pode ser assim no caso dos objetos que ele não conhece, e não duvido que fique assustado com todos os novos espetáculos que se oferecem a ele todas as vezes que não consegue distinguir entre o bem e o mal físicos que deve esperar deles, nem comparar suas forças com os perigos que tem a correr; circunstâncias raras no estado de natureza, em que todas as coisas funcionam de uma maneira tão uniforme e em que a face da terra não

está sujeita a essas mudanças bruscas e contínuas causadas pelas paixões e pela inconstância dos povos reunidos. Mas, vivendo disperso entre os animais e desde cedo se encontrando na contingência de se medir com eles, o homem selvagem logo com eles se compara e, sentindo que os supera em destreza, que eles não o superam em força, aprende a não mais temê-los. Ponha um urso ou um lobo às voltas com um selvagem robusto, ágil, corajoso, como todos eles são, armado de pedra e de um bom porrete, e verão que o perigo será no mínimo recíproco e que depois de várias experiências semelhantes, os animais ferozes que não gostam de se atacar um ao outro só muito a contragosto atacarão o homem, que acharão tão ferozes quanto eles. Quanto aos animais que têm de fato mais força do que ele tem destreza, ele fica, em relação a estes, no caso das outras espécies mais fracas, que nem por isso deixam de subsistir, com a seguinte vantagem para o homem: a de que, não menos propenso que eles à corrida e por encontrar nas árvores um refúgio quase seguro, ele sempre pode se decidir entre pegar ou largar, e optar pela fuga ou pelo combate. Acrescentemos que não parece que nenhum animal faça naturalmente guerra ao homem, salvo no caso da sua defesa ou de uma fome extrema, nem contra este ateste essas violentas antipatias que parecem anunciar que uma espécie é destinada pela natureza a servir de pasto a outra.

Outros inimigos mais temíveis, contra os quais o homem não tem os mesmos meios de defesa, são as vulnerabilidades físicas naturais: a infância, a velhice e as doenças de toda espécie, tristes sinais da nossa fraqueza, sendo os dois primeiros comuns a todos os animais e o último pertencente principalmente ao homem que vive em sociedade. Observo inclusive, acerca da infância, que a mãe que leva sempre o filho consigo, tem muito mais facilidade de alimentá-lo do que as fêmeas de vários animais, que são forçadas a ir e vir sem cessar, com muito

cansaço, por um lado para buscar comida para si, por outro para amamentar ou alimentar seus filhotes. É verdade que, se a mulher perece, o filho corre forte risco de perecer com ela, mas esse perigo é comum a várias outras espécies, cujas crias ficam por muito tempo sem condições de ir procurar sozinhas seus alimentos; e se a infância é mais demorada entre nós, sendo a vida mais longa também, tudo fica mais ou menos igual nesse ponto,⁵ embora haja sobre a duração da primeira idade e sobre o número de crias⁶ outras regras que não são do meu tema. Entre os velhos, que agem e transpiram pouco, a necessidade de alimentos diminui com a faculdade de provê-los; e como a vida selvagem afasta deles a gota e os reumatismos, e a velhice é de todos os males o que o socorro humano menos pode aliviar, eles terminam se extinguindo sem que se perceba que deixam de existir, e quase sem eles mesmos perceberem.

Eis, sem dúvida, a razão pela qual os negros e os selvagens se incomodam tão pouco com as feras que podem encontrar na selva. Os caraíbas da Venezuela, entre outros, vivem sob esse aspecto na mais profunda segurança e sem o menor inconveniente. Embora andem quase nus, diz François Corréal, não deixam de se expor ousadamente no mato, armados apenas com arco e flecha; mas nunca se ouviu dizer que um deles tenha sido devorado por uma fera.

Quanto às doenças, não vou repetir as vãs e falsas declamações que a maioria das pessoas saudáveis faz contra a medicina, mas perguntarei se há alguma observação sólida com base na qual se possa concluir que nos países em que essa arte é mais negligenciada a vida média do homem é mais curta do que naqueles em que é cultivada com mais cuidado. Como poderia ser, se nós nos causamos mais males do que a medicina pode nos fornecer em remédios! A extrema desigualdade na maneira de viver, excesso de ócio para uns, excesso de

trabalho para outros, a facilidade de atçar e de satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade, os alimentos demasiado rebuscados dos ricos, que os nutrem com sucos caloríferos e os cumulam de indigestões, a má alimentação dos pobres, que muitas vezes até lhes falta, o que os leva a sobrecarregar avidamente seu estômago quando comem, as noitadas, os excessos de toda sorte, os arrebatamentos imoderados de todas as paixões, os cansaços e o esgotamento do espírito, os desgostos e pesares incontáveis que sentimos em todos os estados e que corroem perpetuamente as almas — eis as funestas provas de que a maioria dos nossos males são obra nossa e que nós evitaríamos quase todos eles se conservássemos a maneira de viver simples, uniforme e solitária que nos era prescrita pela natureza. Se ela nos destinou a ser sadios, ousou quase assegurar que o estado de reflexão é um estado contranatural e que o homem que medita é um animal depravado. Quando se pensa na boa constituição dos selvagens, pelo menos dos que nós não desgraçamos com nossos licores fortes, quando se sabe que eles quase não conhecem doenças, fora os ferimentos e a velhice, somos levados a crer que escreveríamos facilmente a história das doenças humanas acompanhando a das sociedades civis. Em todo caso, é essa a opinião de Platão, que julga, com base em certos remédios empregados ou aprovados por Podalírio e Macaão no cerco de Troia, que diversas doenças que esses remédios suscitariam ainda não eram conhecidas entre os homens; e Celso relata que a dieta, hoje tão necessária, só veio a ser inventada por Hipócrates.

Com tão poucas fontes de males, o homem no estado de natureza não necessita de remédios, menos ainda de médicos; a espécie humana não está, também sob esse aspecto, em pior condição do que todas as outras, e é fácil saber dos caçadores se em suas caçadas encontram muitos animais doentes. Encontram vários que sofreram

ferimentos consideráveis muito bem cicatrizados, que tiveram ossos e até mesmo membros quebrados e recuperados sem outro cirurgião que não o tempo, sem outro regime que não sua vida ordinária e que não se curaram menos perfeitamente por não terem sido atormentados com incisões, envenenados com drogas nem extenuados com jejuns. Enfim, por mais útil que possa ser entre nós a medicina bem ministrada, é sempre certo que, se o selvagem doente entregue a si mesmo nada tem a esperar que não venha da natureza, por outro lado nada tem a temer que não venha da sua doença, o que torna sua situação muitas vezes preferível à nossa.

Evitemos, portanto, confundir o homem selvagem com os homens que temos diante de nossos olhos. A natureza trata todos os animais entregues a seus cuidados com uma predileção que parece mostrar o quanto ela é ciosa desse direito. O cavalo, o gato, o touro, o próprio burro têm, em geral, maior estatura, todos têm uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem nas florestas do que nós em nossas casas; eles perdem a metade dessas vantagens se tornando domésticos — dir-se-ia que todos os nossos cuidados para tratar e alimentar bem esses animais só levam a abastardá-los. É assim com o próprio homem: tornando-se sociável e escravo, ele se torna fraco, medroso, rasteiro, e sua maneira de viver, lânguida e afeminada, acaba tirando ao mesmo tempo sua força e sua coragem. Acrescentemos que entre as condições selvagem e doméstica a diferença entre um homem e outro deve ser maior que a entre animais; porque tendo sido o animal e o homem tratados igualmente pela natureza, todas as comodidades que o homem proporciona mais a si próprio que aos animais que ele domestica são causas particulares que o fazem degenerar mais sensivelmente.

Não é, portanto, uma desgraça tão grande para esses primeiros homens, nem sobretudo um obstáculo tão

grande à sua conservação, a nudez, a falta de habitação e a privação de todas essas inutilidades que acreditamos tão necessárias. Se não têm a pele peluda, é que não têm a menor necessidade disso nos países quentes, e logo aprendem nos países frios a se apropriar da pele dos bichos que mataram; se só têm dois pés para correr, têm dois braços para prover à sua defesa e às suas necessidades; seus filhos talvez caminhem tarde e com dificuldade, mas as mães os carregam com facilidade, vantagem que falta às outras espécies, em que a mãe ao ser perseguida se vê obrigada a abandonar suas crias ou a regular seu passo pelo destas. Enfim, a menos que se suponha um desses concursos singulares e fortuitos de circunstâncias de que falarei em seguida e que podiam muito bem nunca ocorrer, é claro, em todo caso, que o primeiro que fez para si uma roupa ou uma habitação se proporcionou com isso coisas pouco necessárias, pois até então as dispensava, e não se vê por que ele não poderia suportar, homem-feito, um gênero de vida que suportava desde a infância.

Sozinho, ocioso e sempre vizinho do perigo, o homem selvagem deve gostar de dormir e deve ter um sono leve como os animais, que, pensando pouco, dormem por assim dizer todo o tempo em que não pensam. Sendo sua própria conservação quase seu único cuidado, suas faculdades mais exercitadas devem ser as que têm por objeto principal o ataque e a defesa, seja para subjugar sua presa, seja para evitar ser a presa de outro animal. Ao contrário, os órgãos que só se aperfeiçoam pela languidez e pela sensualidade devem permanecer num estado de grosseria que exclui, nele, toda sorte de delicadeza; e como seus sentidos se acham divididos quanto a esse ponto, ele terá o tato e o paladar de uma rudeza extrema; a visão, a audição e o olfato da maior sutileza. Esse é o estado animal em geral e também é, de acordo com o relato dos viajantes, o da maioria dos povos selvagens. Assim, não

deve causar espanto que os hotentotes do cabo da Boa Esperança descobriam, a vista desarmada, naus em alto-mar de tão longe quanto os holandeses com suas lunetas, nem que os selvagens da América sentissem o cheiro dos espanhóis ao segui-los, como poderiam fazer os melhores cães, nem que todas essas nações bárbaras suportem sem problema sua nudez, agucem seu paladar com a pimenta e bebam licores europeus como se fossem água.

Até aqui considerei apenas o homem físico; procuremos enxergá-lo agora pelo aspecto metafísico e moral.

Não vejo em todo animal mais que uma máquina engenhosa a quem a natureza deu sentidos para ela mesma se revigorar e se garantir, até certo ponto, contra tudo o que tende a destruí-la ou perturbá-la. Percebo precisamente as mesmas coisas na máquina humana, com a diferença de que somente a natureza faz tudo nas operações do animal, ao passo que o homem concorre para as suas na qualidade de agente livre. Um escolhe ou rejeita por instinto, outro por um ato de liberdade, o que faz com que o animal não possa se afastar da regra que lhe é prescrita, mesmo que lhe fosse vantajoso fazê-lo, e que o homem muitas vezes dela se afasta para seu prejuízo. Assim, um pombo morreria de fome perto de um tanque repleto das melhores carnes, e um gato em cima de montes de frutas ou de grãos, muito embora um e outro pudessem muito bem se nutrir com o alimento que desdenha, se pensasse experimentá-lo. É assim que os homens dissolutos se entregam a excessos que lhes causam a febre e a morte, porque o espírito deprava os sentidos e a vontade ainda fala quando a natureza se cala.

Todo animal tem ideias já que tem sentidos. Ele inclusive combina até certo ponto suas ideias, e sob esse aspecto o homem só difere do animal em intensidade. Alguns filósofos chegaram até a sustentar que há mais diferença entre este homem e aquele homem do que entre este homem e aquele animal. Portanto, o que estabelece

entre os animais a distinção específica do homem não é tanto o entendimento quanto sua qualidade de agente livre. A natureza comanda todo animal, e o animal obedece. O homem experimenta a mesma sensação, mas se reconhece livre de aquiescer ou de resistir, e é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade da sua alma, porque a física explica de certo modo o mecanismo dos sentidos e a formação das ideias; mas no poder de querer, ou antes, de escolher e na sensação desse poder só encontramos atos puramente espirituais, nada dos quais se explica pelas leis da mecânica.

Mas ainda que as dificuldades que cercam todas essas questões dessem algum espaço para discutir a diferença entre o homem e o animal, há outra qualidade muito específica que os distingue e sobre a qual não pode haver contestação: a faculdade de se aperfeiçoar, faculdade que, com a ajuda das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e reside, entre nós, tanto na espécie como no indivíduo, ao passo que um animal é, após alguns meses, o que será a vida toda, e sua espécie, ao fim de mil anos, o que ela era no primeiro ano desses mil anos. Por que somente o homem está sujeito a se tornar imbecil? Não será porque ele volta assim a seu estado primitivo e que, enquanto o animal que nada adquiriu e que tampouco nada tem a perder permanece sempre com seu instinto, ao passo que o homem, perdendo com a velhice ou outros acidentes tudo o que sua *perfectibilidade* lhe havia feito adquirir, cai assim mais baixo que o próprio animal? Seria triste para nós sermos forçados a convir que essa faculdade distintiva e quase ilimitada seja a fonte de todas as desgraças do homem; que é ela que o tira, com o passar do tempo, dessa condição original em que ele passaria dias tranquilos e inocentes; que é ela que, fazendo desabrochar com os séculos suas luzes e seus erros, seus vícios e suas virtudes, o torna, com o tempo, tirano de si mesmo e da natureza.⁷